

COLUNA

SOBRE A MAIORIA MINORIZADA NA PÁTRIA GRANDE

Richard Santos

A encruzilhada do poder negro: discurso e voto nas eleições 2020



Reunião de membros da Frente Negra Brasileira em 1936, O primeiro e o maior partido político da história do Movimento Negro no Brasil. O partido torna-se ilegal em 1937 após a criação do Estado Novo.

Há décadas, para não dizer séculos, que nas Américas vimos o debate sobre o papel das populações negras nas eleições, das mais variadas esferas, e nos diferentes âmbitos eleitorais. Do Canadá¹ ao extremo sul da Argentina² tem-se

¹ Atualmente tem lugar naquele país do norte uma ação de mobilização chamada “Operação Voto Negro Canadá”, que visa preparar candidatos negros com pautas negras, raciais/comunitárias, para concorrerem nas próximas eleições. A organização também promete ajudar a organizar os voluntários para o apoio de cada candidato, inserir o candidato no processo eleitoral, formar sua pauta eleitoral e auxiliá-lo na disputa em si. Para saber mais e acompanhar, acesse o link : <https://obvc.ca/> Visualizado em 27.01.2020.

² Sobre os negros na construção da nação argentina, ver: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/33259> Visualizado em 27.01.2020. Sobre os negros na política contemporânea e as políticas para negros, ver: Anny Ocoró Loango “*Del Kirchnerismo al Macrismo*:

registro de negros, descendentes de africanos³, tentando a organização⁴ entre os seus para participar, incidir nos destinos de sua nação, comunidade e/ou grupo de representação.

Se tomarmos como recorte o período pós-emancipação nas Américas, quero dizer, após o fim da escravidão, nos mais diferentes países da região, teremos registros de comunidades negras, movimentos políticos e grupos organizados tentando alguma articulação para tomar parte no poder político de seus países, regiões ou departamentos, o que seja.

Em nossa história recente, Século XX, temos exemplos de candidatos (as) e políticos (as) negros (as) eleitos (as) nas Américas e no Brasil, majoritariamente para o legislativo, e, também de movimentos políticos e culturais que de alguma forma almejavam o poder político eleitoral.

*Senador colombiano
Diego Luis Córdoba
(1907 -1964).*



*Aimé Césaire,
Ideólogo do conceito
de Negritude, militante
anticolonialista e um
dos maiores poetas
surrealistas do mundo.*



Afrodescendientes, política y Estado en la Argentina IN: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20180712070816/Afrodescendencias.pdf> Visualizado em 27.01.2020.

³ Na América colonizada pela Espanha têm se o hábito de chamar aos indígenas de negros da terra, por isso aqui friso a ideia de negros “descendentes de africanos”.

⁴ Muito pertinente e inovador é o trabalho da organização DIAFAR, *Diáspora Africana en Argentina*, tendo a frente Federico Pita. Vale a pena conferir suas entrevistas e acompanhar suas atividades. <http://hoyrojas.com.ar/index1.php?que=noticias&id=11113> Visto em 28.01.2020.

Rapidamente, podemos citar a Frente Negra Brasileira⁵ nos anos 1930 ou o Cordobismo⁶ (Acción Democrática) no pacífico colombiano no mesmo período, e, mesmo o movimento emancipacionista caribenho que lançou tentáculos por toda a região e que alçou Eric Williams⁷ intelectual negro e político a primeiro ministro de Trinidad e Tobago. Na Colômbia podemos compreender a ação de Diego Luis Córdoba (1907-1964), que deu origem ao cordobismo, Senador pelo Departamento de Chocó no pacífico colombiano, como pioneira na política negra local. É possível lembrar, também, da interferência ativa e propositiva de Aimé Césaire (1913-2008), martinicano, como deputado no parlamento francês. O mesmo caso de Eric Williams, também já citado aqui, exemplo não nos falta. Certamente o histórico destes pioneiros muito influenciou para que na Colômbia atual surgisse uma liderança negra como a Senadora Piedad Córdoba⁸ (1955-), e Trinidad e Tobago elegeu em 2018 Paula Mae Weekes⁹ como sua primeira mulher negra presidente.

Juíza Paula Mae Weekes foi primeira mulher negra presidente de Trinidad e Tobago em 2018.



Piedad Córdoba, ex-senadora colombiana. Como congressista trabalhou principalmente pelos direitos da mulher, pelas minorias étnicas e sexuais e pelos direitos humanos.



⁵ Para saber sobre a Frente negra Brasileira, clique no link e viaje na história. Leia conheça seus pertencimentos, isso te fará bem. <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/> Acessado em 27.01.2020.

⁶ Para saber mais sobre o movimento social negro colombiano, o cordobismo, organizações políticas, sobre suas lideranças negras na política, sua estruturação em fins do Séc. XIX e no XX, indico a leitura da dissertação de Catalina González Zambrano , “De negros a Afro-colombianos: oportunidades políticas e dinâmicas de ação coletivas dos grupos negros na colômbia”, defendida no Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP. Acesse aqui: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-29082012-095322/publico/2012_CatalinaGonzalezZambrano_VRev.pdf Acessado em 27.01.2020.

⁷ Sobre ele, ler Capitalismo e Escravidão. Segue aqui link para comentários à edição espanhola do livro. <https://movimentorevista.com.br/2017/09/capitalismo-e-escravidao-de-eric-williams/> Acessado em 27.01.2020.

⁸ Você pode acompanhá-la via Twitter. <https://twitter.com/piedadcordoba>

⁹ Não encontrei maiores informações disponíveis sobre ela em português, assim disponibilizo esta página em inglês para quem tiver interesse e condições de saber mais e acompanhá-la. <https://worldleaders.columbia.edu/directory/paula-mae-weekes> Visto em 28.01.2020.

Alceu Colares, primeiro prefeito negro de Porto Alegre (1986 - 1988) e primeiro governador negro (1991-1994), eleito, do Rio Grande do Sul.



Albuíno Azeredo (1945-2018) foi o primeiro governador (1991-1995) negro, do Estado do Espírito Santo



Celso Pitta, primeiro prefeito negro de São Paulo.



No Brasil do passado e do presente temos uma série de exemplos no legislativo e poucos no executivo que endossam a percepção de que a narrativa global associada com um histórico legitimador do sujeito providencia frutos sadios e fartos colhidos no próprio jardim. No executivo podemos lembrar a atuação de Alceu Colares (1927-), primeiro prefeito negro de Porto Alegre (1986 -1988) e primeiro governador negro (1991-1994), eleito, do Rio Grande do Sul por um partido àquela altura à esquerda no espectro político brasileiro.

Albuíno Azeredo (1945-2018) foi o primeiro governador (1991-1995) negro, do Estado do Espírito Santo, eleito pelo PDT logo após a redemocratização, seguia a pauta democrática e trabalhista do partido de Brizola, Darcy Ribeiro e Abdias Nascimento e não priorizava em sua narrativa política a questão racial, porém, ao acessarmos a biografia desses dois governadores, facilmente observaremos sua relação e sensibilidade com o tema¹⁰, sensibilidade e pauta partidária que era transversal ao Partido Democrático Trabalhista da era Leonel Brizola.

O que isso tem a ver com as eleições 2020 no Brasil e o título dessa coluna? Pois bem, essas são as raízes do discurso e demandas sobre inserção racial de candidatos (as) negros (as) nas eleições e partidos políticos que vêm ganhando força há alguns anos no Brasil e, que sofrem brutal resistência¹¹, dos mandachucas dos partidos, principalmente da esquerda branca dita “progressista”, e, também racista¹², raiz também do movimento lançado em Salvador chamado “Eu quero ela”. Ela, no caso, é a Prefeitura da terceira maior cidade brasileira, Salvador.

¹⁰ Azeredo é indicado como um dos principais articuladores da vinda de Nelson Mandela ao Brasil logo após sua saída da prisão. <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2018/07/18/100-anos-de-mandela-relembra-visita-do-ex-presidente-sul-africano-ao-es.ghtml> Visto em 27.01.2020.

¹¹ Interessante a denúncia de Douglas Belchior sobre o racismo sofrido no PSOL, vociferar a desigualdade de ação e apoio, o racismo, têm sido uma das armas dos políticos negros contemporâneos na denúncia do racismo interno de seus partidos. Veja a denúncia de Douglas <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/23/pre-candidato-do-psol-diz-que-partido-e-racista-e-nao-mantem-coerencia.htm> Visto em 28.01.2020.

Veja o que respondeu o PSOL. <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/27/psol-rebate-pre-candidato-e-gera-discussao-sobre-racismo-dentro-do-partido.htm> Visto em 28.01.2020.

¹² O racismo se apresenta em momentos ímpares, aqui Ciro Gomes ofende o vereador negro paulistano chamando-o de Macaco de auditório. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fernando-holiday-e-chamado-de-macaco-de-auditorio-e-acusa-racismo,70002998512> Visto em 28.01.2020.

Mas, chegamos aqui na primeira encruzilhada, um bom dilema: como lutar contra a interdição das candidaturas negras, militantes, que historicamente é realizada pela branquitude de direita e de esquerda. Como fazer?

EU QUERO ELA!

Para quem nos lê e não está acompanhando o movimento político pré-eleitoral da cidade cunhada como Roma Negra, vai aqui um breve resumo do processo:

Com força no ano de 2019, fruto de processos anteriores, ganhou potência na cidade de Salvador, Bahia, o debate advindo do seio do movimento negro sobre a ocupação da Prefeitura da cidade com 85% de população negra por uma candidatura negra, com vínculos culturais ligados à comunidade afrodescendente local.

Ressalto aqui o vínculo, pois, Salvador já teve Prefeitos afrodescendentes, ainda que não marcadamente retintos e/ou com ligação política, cultural e defensor de demandas associadas à comunidade negra local. Daí o debate sobre eleger alguém com esse perfil e que “não negue a raça”, não demonize sua cultura e religião, como é comum no Brasil, afirmo eu.

Abrindo aqui mais um parêntese, é importante lembrar que já tivemos também um presidente afrodescendente no Brasil. Foi no período que os historiadores chamam de primeira república, o campineiro (nascido na cidade de Campos dos Goytacazes- Rio de Janeiro) Nilo Peçanha¹³.

“Quando uma iniciativa coloca em risco o projeto de poder da branquitude, o racismo se rearticula e reaparece sob novos discursos”

¹³ O portal do Geledés fez um artigo bem completo didático sobre a história de Nilo Peçanha, aponta, porém, que seria ele o primeiro e único presidente negro reconhecido como tal no Brasil, porém, existem controvérsias, alguns historiadores apontam ainda a Rodrigues Alves, paulista, como sendo outro presidente afrodescendente brasileiro. Controvérsias a parte, segue o link para a história de Nilo Peçanha, leia lá: <https://www.geledes.org.br/o-presidente-negro-nilo-pecanha/> Acessado em 22.01.2020.

*“Capital
intelectual,
Capital
Emocional,
Capital
Psicológico e
Capital Político.
Esses capitais
essenciais são
base para a dura
empreitada que
essa candidatura
negra
necessitará para
a confrontação
com
concorrentes à
direita e à
esquerda”*

Retomando, este debate tomou corpo, ganhou as manchetes dos jornais¹⁴ e logrou o agendamento do tema na cena política soteropolitana com proposições sendo levadas e discutidas no interior dos partidos.

Como resultado, neste início do ano de 2020 já podemos apontar alguns(mas) pré-candidatos(as) e ver sua razoável exposição na mídia. Toda essa movimentação a partir da campanha lançada em setembro de 2019 de nome “Eu quero ela”, em busca de um lugar no Palácio Thomé de Souza será mesmo capaz de consagrar um nome vitorioso ao final do pleito?

Tenho dúvidas, não quanto ao processo democrático de homologação dos nomes, mas, de reconhecimento dos nomes de lideranças negras nos partidos brancos e historicamente alijadores dos mesmos neste processo. Não adianta pensar que a ocupação do espaço de poder, neste caso, se efetivará com negociações partidárias, e demonstrações de que temos votos possíveis. Eles sabem que temos e o que podemos. Por isso mesmo nos usam e impedem nossa ascensão. São caciques¹⁵ que, acomodados em seus feudos, estão desinteressados em aderir à campanha que, possivelmente, os sacarão de seus tronos vitalícios, estes, articulam uma espécie de desmonte e desgaste das lideranças negras que democraticamente colocam seus nomes a prova.

Já vimos esse filme. Quando uma iniciativa coloca em risco o projeto de poder da branquitude, o racismo se rearticula e reaparece sob novos discursos.

¹⁴ Lideranças negras consolidadas negociam espaço com partidos políticos para “pedirem” espaço para suas candidaturas majoritárias, parece-me, ignorando todo o processo de dominação e poder de grupos e caciques destes partidos. <https://politicalivre.com.br/2019/10/pt-e-vovo-do-ile-reunidos-para-discutir-a-campanha-eu-quero-ela/> Visto em 27.01.2020. <https://bahia.ba/politica/antes-do-pt-esquerda-debate-o-eu-quero-ela/> Visto em 27.01.2020.

¹⁵ Veja a matéria completa no link: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/08/campanha-por-candidatura-negra-do-pt-em-salvador-enfrenta-politicos-brancos/> Visualizado em 27.01.2020.

Neste processo, de definição das candidaturas, os candidatos brancos da esquerda já descredibilizam as candidaturas negras. Nesta reportagem¹⁶ é possível ver o debate entre negritude e branquitude. É quando o pré-candidato branco autoproclamado signo da igualdade e da pauta social generalizante, acusa os (as) candidatos (as) negros (as) de pauta única, ou seja, racial. Sugere ainda que seria engodo e falácia o fato de não ter tido prefeito negro, sendo que negros de direita já teriam ocupado o cargo, invalidando a demanda atual. Creio que essa será a tônica do debate eleitoral¹⁷.

Por outro lado, os caciques partidários já promovem nomes e representações desconhecidas¹⁸ do público. É o caso da “criação” de uma candidatura negra pelos donos do PT na Bahia, à revelia de suas bases. Uma mulher, negra, militar está sendo ungida pelos sucessores do carlismo baiano Wagner e Costa.

Experiência parecida de tutela foi vista na cidade de São Paulo na relação de Celso Pitta, primeiro prefeito negro daquela cidade, e Paulo Maluf. Vimos como tudo terminou¹⁹.

A campanha, “Eu quero ela”, tem o potencial de agendar politicamente a questão na sociedade soteropolitana e veio para ficar. Queiram ou não, parece-me que em médio prazo Salvador terá um ou uma prefeita negra. Porém, para esta legislatura, já não seria o momento de construir o apoio a uma única candidatura viável e que de fato represente os interesses da Maioria Minorizada? Esta candidatura já existe, tem corpo e história, o que falta para apoiá-la?

“[...] sou adepto da vociferação do racismo e nunca de seu silenciamento, de sua denúncia e do combate corpo a corpo se um dia for necessário, essa é minha história.”

¹⁶ <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/08/campanha-por-candidatura-negra-do-pt-em-salvador-enfrenta-politicos-brancos/> Visualizado em 28.01.2020.

¹⁷ Cabe aqui uma nota: reconheço a atuação política e a breve passagem pelo cargo de prefeito da cidade de Salvador do professor Edvaldo Brito (1978-1979), porém, neste artigo estou tratando de políticos negros eleitos nas urnas por votos diretos, e não elevados ao cargo indiretamente. Deste mesmo modo, também não trago aqui a experiência pioneira de Benedita da Silva, ex-governadora (2002-2003) do Rio de Janeiro que por ocasião da vacância do cargo ocupou a cadeira de governadora por breve período. Não sendo reeleita para o executivo em nenhum momento em que disputou prefeitura ou governo do Estado.

¹⁸ Nesta matéria vimos a notícia da articulação de uma Major PM Negra para ser a candidata oficial do PT em Salvador, nome imposto pelo governador, segundo a reportagem, com o anúncio do nome da Major para a prefeitura os demais candidatos se recolherão ao seu ostracismo, dando espaço para a estrela escolhida pelo líder maior da sigla. <https://www.bnews.com.br/noticias/politica/politica/257514,rui-anuncia-major-denice-como-pre-candidata-do-pt-durante-festa-de-iemanja.html> Visto em 27.01.2020.

¹⁹ Se não viu, veja aqui. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff24129820.htm> Visto em 28.01.2020.

Afirmo isso, pois, certo mesmo é, deixando as vaidades de lado, apoiar a candidatura de alguém com experiência, tarimbada e que congregue em si o conjunto de capitais ditos essenciais para um sujeito/sujeita oriundo da Maioria Minorizada se colocar nessa linha de tiro: Capital intelectual, Capital Emocional, Capital Psicológico e Capital Político. Esses capitais essenciais são base para a dura empreitada que essa candidatura negra necessitará para a confrontação com concorrentes à direita e à esquerda, esquerda essa que certamente lançará candidatura própria visando à manutenção de sua hegemonia.

Fato é que uma breve conferida nos jornais locais nos apresenta o panorama de desarticulação em marcha do projeto lançado sem análise estratégica e plano de ação que desconstruísse o calabouço arquitetado ao longo dos séculos para o político negro ou negra que almeje acessar o poder de forma independente, falando pelos seus e com projeto político contra hegemônico em favor da vida e prosperidade de uma Maioria Minorizada invisibilizada, vilipendiada e com cidadania mutilada, não representada em sua totalidade seja pela direita ou pela esquerda e dependente de favores e compadrios políticos para sua própria sobrevivência.

Pois bem, com alguma única exceção, são desses favores, tutelagens e bênçãos que estamos vendo depender a construção destas candidaturas alternativas, militantes, de última hora, sem história política consolidada e que deveriam e/ou se propuseram a ser uma alternativa contra hegemônica ao *status-quo* contemporâneo do executivo. Reafirmo com dados; não serão.

ROMPENDO BARREIRAS

No Brasil e nas Américas²⁰ historicamente conseguimos identificar uma série de homens e mulheres negras que conseguiram furar os bloqueios impostos pela hegemonia e dominância ocidental, que aqui classifico como brancos e em favor de políticas da branquitude²¹.

São pessoas que desenvolveram atividades políticas em larga escala para suas comunidades, mas, não apenas para seu grupo identitário, ampliaram seu leque de alcance, fizeram seus nomes ecoarem para além das bordas porosas de suas associações culturais ou de suas comunidades eclesiais etc. Construíram e/ou navegaram pelo discurso da igualdade, da integração, de pluralidade e unidade na diversidade. Alguns aderiram ao discurso conciliador, não rompendo direta e publicamente com a estrutura estabelecida. Atuaram globalmente visando colherem frutos localmente, melhor dizendo, jogaram em larga escala e colheram no seu campo, frutificaram o seu jardim. Fizeram-se candidatos ao longo de suas jornadas.

²⁰ Observem que não trato aqui da experiência eleitoral estadunidense, isso daria uma coluna à parte, e já temos muitos escritos a respeito. Por isso mesmo, no início deste trabalho cito a realidade canadense, muitos de nós desconhecem a história social negra no Canadá, fora isso, foco na América Latina e Caribe. Um dos signos de dominação hegemônica é fazer pauta, agendamento, para o dominante, assim que não julguei necessário falar do EUA.

²¹ Veja meu livro Branquitude e Televisão. A Nova (?) África na TV pública. Editora Gramma, Rio de Janeiro, 2018.

DECODIFICAÇÕES

Como uma espécie de percepção não conclusiva, registro que sou adepto da vociferação do racismo e nunca de seu silenciamento, de sua denúncia e do combate corpo a corpo se um dia for necessário, essa é minha história. Lembrando-me de Neusa Sousa Santos²², não nascemos negros, tornamo-nos negros.

Neste sentido, em tendo uma candidatura negra como mobilizar o voto negro? É urgente a decodificação dos interesses da comunidade negra ampliada, para além dos interesses dos militantes negros que formam uma bolha frágil e distópica.

Pra mim, decodificar está relacionado à compreensão do processo de tornar-se negro, esse que vai muito além do tornar-se negro militante do movimento negro, quantos negros em movimentos existem estão espalhados nos mais variados cantos da sociedade?

Esse tornar-se negro está associado a uma série de fatores e experiências, códigos, que nos farão identificar com um grupo estético identitário que traz em sua psique construtos vivenciais e experienciais que estarão relacionados à experiência dos descendentes de africanos nas Américas. O “simples” fato da cor da pele retinta e o passar por uma série de sofrimentos relacionados à experiência negra não fará o sujeito associar-se, reconhecer-se imediatamente como negro, e com pautas relacionadas aos interesses da população negra, temos visto isso ao longo dos séculos. O fato ainda de reconhecer-se como negro no campo estético, não significa que seja automaticamente ligado o seu reconhecimento ao campo negro das dores atlânticas. Caso mais objetivamente ilustrador desse argumento são os dois parlamentares de âmbito municipal e federal respectivamente, Fernando Holiday, vereador na cidade de São Paulo, e Hélio Lopes, deputado federal pelo Rio de Janeiro. O que dizer?

Recordo que é Stuart Hall²³ quem nos informa que o processo de construção da identidade política atravessa dois aspectos extremamente importantes de serem considerados. De um lado, coadunando com Neusa Santos, Hall dirá que a identidade é um projeto em construção, os indivíduos tornam-se negros através de um processo e de um posicionamento político e cultural. Deste processo, a identidade torna-se um construto nascido das relações, da história e dinâmica social. Outro modo de ver a identidade é a essencialista, dirá Hall, aquelas que enxerga práticas enraizadas, os negros são assim e são assados, ser negro é ser isso ou aquilo, ainda que isso seja importante para a construção da unidade, a unidade africana, por exemplo, quando sabemos que os africanos são tão diversos,

²² Saiba mais, leia o livro, futuque aqui.
<https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>
Visto em 28.01.2020.

²³ Recomendo a leitura do capítulo “Que negro é esse na cultura negra? No livro Da diápora: identidades e mediações culturais. Editora UFMG, 2006.

é uma postura que dialoga claramente com o etnocentrismo determinista ao taxar características e modus de grupos humanos “esteticamente” parecidos.

Analisando a questão das etnicidades e das visibilidades e invisibilidades na política e nos *mainstream*, Stuart Hall afirma que: “O que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada” (2006 p 321). Mais claramente dizendo, o pensador negro jamaicano nos adverte que o branco historicamente controla a imagem do negro, e nós, negros, precisamos ter o controle de nossa própria imagem, de nossa auto visibilidade.

Por fim, nesta luta por ocupação e visibilidade, a estratégia e reflexão quanto ao jogo seria o melhor início. Diria que um dos caminhos para um político negro ou negra avançar rumo a vitória em qualquer eleição neste hemisfério ocidental ao qual estamos associados, seria tratar de assuntos sociais inclusivos de uma Maioria Minorizada que diretamente dirão aos ouvidos negros e negras.

É usar de sua estética negra para comunicar visualmente e de sua capacidade discursiva para atingir as mentes e corações de pais, mães, irmãos e irmãs que precisam de comida, moradia, água, luz, educação, saúde, emprego e vida.

Dito isso, se Salvador é a maior cidade negra do país de maior população negra fora da África, com uma campanha séria e unificada seria possível a vitória.

Asé pra quem é de Asé!

Richard Santos

Também conhecido como Big Richard, é nascido no bairro Rio Comprido, Rio de Janeiro, pioneiro do Hip Hop carioca, criador da ATICOM, Associação Hip Hop Atitude Consciente (1992), autor de quatro livros autorais, sendo que os dois primeiros *O Rei Zumbi – Um herói da liberdade* (Editora Planetinha Paz, 1998) e *Zeca & Juninho no Mundo dos Homens* (Editora Planetinha Paz, 1998), são livros infantis escritos para seu filhos Kayodê & Kazembê, e, conseqüentemente, para as demais crianças que não tinham oferta de literatura auto referenciada naquela época. *Hip Hop Consciência & Atitude* (2005), livro sobre ativismo e arte no Hip Hop brasileiro. Seu mais recente livro é *Branquitude & Televisão. A nova (?) África na TV pública* (Gramma, 2018). Foi produtor, repórter e apresentador de TV por mais de vinte anos, com passagens por emissoras como Globo, Band, TV da Gente e TV Brasil.

É pós-doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto do Centro de Formação em Artes, CFA, e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB. Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos – ELA /UNB. Mestre em comunicação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em História e Cultura no Brasil pela Universidade Gama-Filho. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Nação Hip Hop Brasil. Tem como principais objetos de pesquisa, televisão, diversidade étnico-racial, hegemonia e contra hegemonia no contexto das indústrias culturais.

